

LA CONSTRUCCIÓN MORAL Y LA ÉTICA EN LA INFANCIA

Luciane Knüppe
Pedagoga, Especialista em Educação Infantil
Mestre em Educação pela PUCRS
Brasil
knuppe@cpvo.net

RESUMO

A criança desde seu nascimento recebe do adulto informações e exemplos de comportamentos, que à levam a construção da moral e da ética. No entanto, a escola juntamente com a família, possuem um papel muito importante nesta construção. Este artigo tem como objetivos: entender a diferença entre moral e ética; e discutir sobre a moral e a ética na escola infantil.

PALAVRAS CHAVE

Construção Moral. Ética. Infância

RESUMEN

El niño desde su nacimiento recibe del adulto informaciones y ejemplos de comportamientos, que à llevan a construcción de la moral y de la ética. Pero, la escuela juntamente con la familia, tienen un compromiso muy importante en esta construcción. Este artículo tiene como objetivos: entender la diferencia entre moral y ética; y discutir sobre la moral y la ética en la escuela infantil.

PALABRAS CLAVE

Construcción Moral. Ética. Infancia

ABSTRACT

The child, from its birth, receives from adults information and behavior examples which takes them to build moral and ethics. The school, together with the family, has a very important compromise in this construction. This article has two objectives; to understand the difference between moral and ethics throughout the first years of school.

KEYWORDS

Moral construction, ethics, infancy.

La construcción moral y la ética en la Infancia

Por diversas vezes, em nossa prática educacional, nos perguntamos como as crianças lidam com as regras (de jogo ou sociais) ou, o que podemos esperar de cada idade do desenvolvimento humano, no que diz respeito às relações da criança com os aspectos da justiça e da moral. Estes questionamentos foram estudados por alguns autores, como por exemplo Piaget (1896-1980) e Kohlberg (1927-1987), que tentaram explicar melhor estes comportamentos infantis. Piaget em determinado período da elaboração de sua obra, debruçou-se sobre estas questões e, a partir de seus experimentos e observações, propôs que a forma pela qual as crianças lidam com as regras, com a justiça e a moral varia no decorrer do processo de desenvolvimento.

Segundo Coles (1998) o início da vida de uma criança é formada pelos valores de certos adultos, que podem ser transmitidos pela família e/ou pela escola. Por tanto pode-se constatar que a construção da moral e a ética são introduzidas no ser humano desde a infância, elevando assim o grau de responsabilidade de nós professores.

A infância, que permeia entre zero e onze anos, é marcada por diferentes evoluções tanto mentais como emocionais, e nós professores convivendo com a criança dentro da sala de aula podemos visualizar bem estes momentos. É comum nos depararmos com o conflito de diferentes comportamentos, pois a criança já traz consigo, antes de entrar na escola uma base de como a família transmitiu a ética e a moral. Segundo Coles (1998) assim como a criança se desenvolve, a sua imaginação moral também cresce em diferentes momentos de suas vidas. Para o autor, o pensamento moral se forma a partir de influências de fora do lar, comprovando mais uma vez que a escola deve estar atenta a estas construções.

Mas o que entendemos por moral? E o que entendemos por ética?

Aranha e Martins (2003) descrevem a moral como um "conjunto de regras de conduta admitidas em determinada época ou por um grupo de homens" (p. 274). Ou seja, entendo por moral um conjunto de regras existentes em uma determinada cultura, sociedade, família ... Quanto a ética, as autoras definiram como "a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral (p. 274). Entendido por mim como os princípios pelos quais baseio-me para seguir meus atos implicando em reflexões sobre estes atos. Mas como trabalhar a ética e a moral na infância?

A construção moral

A criança aprende a construir as regras ou normas morais vivendo em sociedade, ou seja segundo Aranha e Martins (2003) "o ser humano precisa ser educado para

a convivência" (p. 308). Partindo deste pressuposto, afirmo que a escola e a família possuem um papel fundamental nesta construção, pois ambas são responsáveis pelos primeiros "ensinamentos". Segundo Piaget, os primeiros sentimentos sociais surgem durante a faixa etária dos dois aos sete anos. A representação e, particularmente, a linguagem falada são os instrumentos de desenvolvimento dos sentimentos sociais. A representação permite a criação de imagens das experiências, incluindo as experiências afetivas. Assim, pela primeira vez, os sentimentos podem ser representados e recordados. Deste modo, as experiências afetivas acabam tendo como efeito o de durar mais do que as próprias experiências.

Ao estudar sobre o assunto, Piaget (1977) mostrou que existem dois planos no pensamento moral. De um lado, um pensamento moral afetivo ou experiência moral, que se constrói pouco a pouco, através da ação individual, isto é, através dos fatos e por ocasião dos conflitos com o social. E de outro, o pensamento moral teórico ou verbalizado, que aparece quando o indivíduo é levado a julgar os atos de outras pessoas que lhe interessam diretamente, ou a própria conduta passada.

É difícil para uma criança pequena na faixa etária entre dois e três anos, entender o que o outro está sentindo, mas ela consegue distinguir entre o certo e o errado, entre o que pode e o que não deve fazer.

"De um lado é possível que aquilo que a criança pensa sobre moral não tenha relação precisa com o que faz ou sente no concreto, no tocante às suas experiências (...). Por outro lado, é possível que aquilo que a criança compreende das histórias relatadas não tenha nenhuma relação com o que pensaria se fosse testemunha direta das mesmas cenas" (PIAGET, 1977, p.99).

Quem trabalha com a educação infantil, vivencia tais afirmações diariamente em sala de aula, como por exemplo, quando encontramos uma criança tomando o brinquedo das mãos de outras; se pararmos para conversar com ela, com certeza vai dizer que não pode tirar os brinquedos do amigo sem pedir, mas, pelo fato de se encontrar em construção as normas morais, ela sente um pouco de dificuldades. Neste caso, o educador pode oferecer uma conduta de reflexão, fazendo com que a criança pense e reflita sobre o que fez, tentando se colocar no lugar do outro, desta forma o professor estará proporcionando uma construção ética e moral do indivíduo.

Para Piaget (1977), as normas ou características do raciocínio moral, não estão plenamente realizadas em crianças tão pequenas, e que irá ser totalmente construída, após os onze anos de idade. Assim, os sentimentos morais referem-se a sentimentos voltados para o que é necessário fazer e não para o que é desejável e preferível fazer. Perante esta afirmação Wadsworth (1995), salienta

que "um voluntário senso do 'dever' ou obrigação caracteriza os sentimentos morais desenvolvidos" (p. 74).

Aranha e Martins (2003) ilustram esta fase da construção moral da criança, pelo que Piaget chamou de egocentrismo, pois ela pensa que o mundo gira em sua volta, por isso quer as atenções só para ela, bem como os brinquedos e desejos, entre mais crianças pequenas, tem dificuldades de conversar e de ouvir o outro, o chamado "monólogos coletivos".

"Do ponto de vista moral, de início não se pode dizer que exista introjeção de regra alguma: vive no mundo pré-moral, em que predomina a anomia (ausência de leis). Além de sua relutância em aceitar as regras do convívio social, é interessante lembrar que a criança não está pronta para os jogos com regras" (ARANHA e MARTINS, 2003, p. 309).

De acordo com Piaget (1977), a moral depende do tipo de relação social que o indivíduo mantém com os demais e, segundo o autor existem tantos tipos de moral como de relações sociais. Pesquisando crianças de cinco a doze anos, o autor descobriu que a gênese do juízo moral infantil passa por duas grandes fases. Na primeira, o universo da moralidade confunde-se com o universo físico: as normas morais são entendidas como leis heterônomas, provenientes da ordem das coisas, e por isso intocáveis, não-modificáveis, sagradas. A essa concepção das normas corresponde um nível rudimentar de compreensão destas: os imperativos são interpretados ao pé da letra, e não no seu espírito. A moral heterônoma é imposta a partir do exterior como um sistema de regras obrigatórias, muitas vezes difícil de ser compreendida pela criança. Baseia-se no princípio de autoridade, encontrada na relação entre adulto e criança.

Na fase posterior, as normas passam a ser entendidas como normas sociais cujo objetivo é regular as relações entre os homens. Assim, em torno de dez, onze anos, a criança passa a conceber a si mesma como possível agente no universo moral, capaz de, mediante relações de reciprocidade com o outro, estabelecer e defender novas regras. A moral autônoma surge do próprio indivíduo como um conjunto de princípios de justiça, e principalmente possui um caráter espontâneo. Baseia-se no princípio da igualdade, no respeito mútuo e nas relações de cooperação.

Na conceituação piagetiana, a criança passa da heteronomia - onde o bem é entendido como obediência a um dever preestabelecido - à autonomia moral - onde o bem é agora concebido como equidade e acordo racional mútuo das consciências.

Na construção da moral, aparece o conceito de justiça, a qual evolui com o passar dos anos.

"À medida que a criança cresce, a submissão de sua consciência à consciência adulta parece-lhe menos legítima, e salvo os casos de desvios morais propriamente ditos, que são constituídos pela submissão interior definitiva (os adultos que continuam crianças por toda a vida) ou pela revolta durável, o respeito unilateral tende, por si mesmo, ao respeito mútuo e à relação de cooperação à qual constitui o equilíbrio moral" (PIAGET, 1977, p. 129).

O conceito de justiça retributiva (baseado na sanção) vai sendo substituído a partir dos sete anos, pelo conceito de justiça distributiva (baseado na igualdade). Por isso que na educação infantil, os professores utilizam a sanção por reciprocidade como instrumento de justiça, proporcionando a criança um momento para que se ponha no lugar do outro, fazendo com que este início de compreensão evolua com o passar dos tempos.

Coles (1998) refere-se a reciprocidade moral, ou seja, a criança que foi acostumada a uma reciprocidade de sentimentos e comportamentos desde bebês, saberão lidar com a justiça.

Piaget, acredita que desde criança conhecemos a representação da moral. Ao exemplificar com a prática em sala de aula, é possível verificar, principalmente na educação infantil, a representação da moral nas crianças. Elas são capazes de criar regras e determinar que as sigam, desde que com os outros, mas ela sabe diferenciar o que é considerado certo do errado, o que pode e o que não pode ser feito, enfim já possuem uma moral construída.

O autor refere-se ainda em dois tipos de dados para basear-se no desenvolvimento moral: o juízo moral em situações hipotéticas e a prática e a consciência das regras do jogo. Mas Piaget faz um questionamento com relação as limitações das regras dos jogos infantis, pois acredita que não proporcionam por si mesmos uma mostra de experiência moral, porque desde cedo, as crianças distinguem entre as regras convencionais ou arbitrárias e as regras morais. Partindo desta visão, pode-se afirmar que as regras construídas no jogo, sejam um treino para a vida adulta, pois brincando é muito mais fácil a criança compreendê-las.

Mas, ao comparar tais discursos com a realidade escolar, questionamentos são levantados sempre que se avalia a prática pedagógica, como discutir essas regras na escola, como construir uma consciência moral?

Segundo La Taille (2001) essas são questões sempre presentes no dia-a-dia da sala de aula. As respostas variam de acordo com a forma pela qual o professor concebe o desenvolvimento humano e a proposta pedagógica de cada escola. Cabe ao professor se interar do assunto e buscar novos conhecimentos.

Esta educação moral, portanto, já não pode ser concebida como transmissão de valores e comportamentos morais, mas como a introdução dos educandos no mundo conflitante das concepções morais, objetivando consensos mínimos que sirvam de base para o seu agir moral. Por meio de uma relação pedagógica reflexivo/comunicativa espera-se sensibilizar os alunos para a problemática da moralidade, bem como promover a estruturação de uma subjetividade a partir da qual cada um possa tomar suas decisões morais com responsabilidade.

Piaget (1977) considera que a educação moral deva ser ativa, ou seja, devemos com as experiências permitir a ação necessária para que a própria criança construa estruturas morais autônomas. Assim, Piaget conceituou o desenvolvimento moral como uma mudança que vai da heteronomia à autonomia. O desenvolvimento moral, segundo ele, resulta incompleta, ou seja está em constante construção e reconstrução.

Outro autor que estudou sobre o desenvolvimento da moral foi o psicólogo norte-americano Kohlberg, porém com crianças maiores entre os dez e os dezesseis anos. Suas observações comprovam que a maturidade moral muitas vezes só pode ser alcançada apenas pelo adulto.

Kohlberg criou a teoria dos estágios morais, pois acreditava que o nível mais alto da moralidade exige estruturas lógicas novas e mais complexas do que as apresentadas por Piaget. Assim, segundo o autor, existem três níveis da moralidade. O primeiro chamou de nível pré-convencional que se caracteriza pela moralidade heterônoma, onde "as regras morais derivam da autoridade, são aceitas de forma incondicional e a criança obedece a fim de evitar castigo ou para merecer recompensa" (ARANHA e MARTINS, 2003, p. 311). O indivíduo deste estágio, define a justiça em função de diferenças de poder e status, sendo incapaz de diferenciar perspectivas nos dilemas morais. Há neste nível um segundo estágio, o qual Kohlberg, chamou de moralidade de intercâmbio, pois inicia-se o processo de descentração, possibilitando ao indivíduo perceber que outras pessoas também tem seus próprios interesses, porém a moral ainda permanece individualista, fazendo com que estabeleça trocas e acordos. Segundo Dáz-Aguado e Medrano (1999), Kohlberg afirmava que as regras e expectativas sociais, são externas ao eu.

O segundo nível, classificado por Kohlberg, foi chamado de nível convencional, o qual valoriza-se o reconhecimento do outro e inclui dois estágios: o da moralidade da normativa interpessoal e o da moralidade do sistema social. No primeiro começa-se a seguir as regras para assim garantir um bom desempenho do papel de "bom menino" e de "boa menina", percebe-se uma preocupação com as outras pessoas e seus sentimentos. Já no segundo estágio, o indivíduo "adota a perspectiva de um membro da sociedade baseada em uma concepção do sistema social como um conjunto consistente de códigos e procedimentos que se aplicam

imparcialmente a todos os seus membros" (DÍAZ-AGUADO e MEDRANO, 1999, p. 31).

O terceiro nível foi chamado de nível pós-convencional, considerado por Kohlberg, como o mais alto da moralidade, pois o indivíduo começa a perceber os conflitos entre as regras e o sistema, o qual foi dividido entre o estágio da moralidade dos direitos humanos e o estágio dos princípios éticos universais. Neste nível, os comportamentos morais passam a ser regulados por princípios.

"Os valores independem dos grupos ou das pessoas que os sustentam, porque são princípios universais de justiça: igualdade dos direitos humanos, respeito à dignidade das pessoas, reconhecimento de que elas são fins em si e precisam ser tratadas como tal. Não se trata de recusar leis ou contratos, mas de reconhecer que eles são válidos porque se apoiam em princípios" (ARANHA e MARTINS, 2003, p. 312).

Segundo os estudos de Kohlberg, pouquíssimas pessoas atingem o último nível da construção moral, o qual alega inúmeros motivos. Ao encontrar soluções aceitáveis a tal descoberta, o autor justifica que em primeiro lugar as pessoas não nascem morais, mas que seu comportamento moral evolui a partir de etapas e de oportunidades que procedem à descentração. Partindo deste pensamento, Kohlberg esperava que os pais e professores estivessem moralmente maduros para auxiliarem as crianças, mas, como ele mesmo percebeu, nem sempre isto ocorre. Outro fato que o autor aponta é que sentia dificuldades em encontrar professores para auxiliá-lo, uma vez que muitos se encontravam no nível pré-convencional. Mais uma vez, constatamos que o influência do adulto na construção moral da criança é um fato importante, pois se segundo Kohlberg, o adulto encontra dificuldades em atingir o nível máximo da moralidade, como poderá construí-la nas crianças?

A partir destes autores aqui mencionados, pode-se afirmar que a construção moral inicia-se na infância, mas está sempre em evolução. Para Coles (1998) "crescer moralmente é uma consequência de como aprendemos a agir com os outros, a nos comportar neste mundo, aprendizado que é facilitado quando levamos a sério o que vemos e ouvimos" (p. 5). Portanto, a criança está sempre atenta a esta construção moral, para Coles (1998) ela procura o tempo todo sugestões de como se comportar e as encontra no comportamento do adulto, seja este o pai, a mãe ou professor (a). Por isso, é muito importante deixarmos claro aos nossos alunos nossos valores, desejos e opiniões.

A educação ética

A educação prega muito a moral nas escolas, mas e a ética? Acredito que seja um tanto quanto desafiador trabalharmos a ética na educação infantil por exemplo; pois as crianças estão começando a compreender seus atos, mas acredito

também que devemos trabalhar desde pequenos certos conceitos e valores. Para Imbert (2002) "o engajamento ético difere da obediência às regras; ele situa-nos em uma vertente que não é a mesma das prescrições" (p. 14).

Segundo Aranha e Martins (2003) "a nova ética analisa as ações não mais em função de uma hierarquia de valores dada a priori, mas sim em vista das conseqüências, dos resultados da ação política" (p. 235). Portanto, a ética não é apenas seguir as regras despejadas a nós seres humanos, mas ter consciência do porque estamos cumprindo-as, pois como explica Imbert (2002) a ética substitui a perspectiva moral da fabricação de hábitos. Fomos educados a seguir as regras, mas não a refletir sobre elas.

Segundo Imbert (2002) "a ética mostra que a relação não visa o controle do outro, sua de-finição, mas se confronta com o inesgotável, com o infinito das pessoas e das situações" (p. 95). Somos capazes de enfrentar diferentes situações que de acordo com o nosso pensamento poderá ser certo ou errado, bom ou ruim. Em nossas práticas pedagógicas, nos deparamos com diferentes situações as quais temos que tomar decisões, e acredito, que é a nossa ética que conduz nossos atos, pois como afirma Freire (2003) pensar certo, tomar decisões certas exige uma postura ética com relação as interpretações dos fatos. Acredito que os educadores para transmitirem uma postura ética, precisam demonstrá-la em seu comportamento, atitudes e em suas aulas.

Segundo Benjamin (1984) "a finalidade da educação ética é a formação da vontade moral" (p. 18). Partindo deste pressuposto, pode-se afirmar que a ética está muito relacionada ao que cada pessoa entende por moral, ou seja, assumirei uma educação ética se acreditar nas regras que eu sigo. O autor diz também que "a vontade moral é inabordável para o educador na mesma medida em que a lei ética pura e única é inaceitável em si mesma" (p. 18).

A moral e a ética na escola

Com as leituras e reflexões realizadas, pode-se afirmar que ninguém nasce moral, mas segundo Aranha e Martins (2003) pela educação temos a chance de construir nossa personalidade moral. Assim como a família, os educadores possuem uma grande responsabilidade com relação a esta formação, pois a criança "aprende" com os atos dos outros (adultos), e por causa disto precisamos educá-la com valores, respeito, justiça, baseados na reciprocidade e no compromisso pessoal, para que assim construa sua formação moral e ética.

A escola de hoje está deixando um pouco de lado a construção moral e a educação ética, atribuí-se prioridades a outros assuntos como o vestibular, a mensalidade escolar, mas esquece que a formação do indivíduo é a mais importante, e que permeará por toda a sua vida. A criança que educa-se eticamente torna-se um adulto capaz de ir ao encontro do outro, reconhece-se

com seu igual e não assume as regras morais como regras obrigatórias. Para Aranha e Martins (2003), um sujeito ético "se pergunta sobre a maneira pela qual escolheu viver, que pessoa gostaria de ser, como é a melhor maneira de se relacionar com os outros" (p. 313), mas só consegue-se ser um sujeito ético, se este possuir uma educação ética desde o início de sua infância.

Segundo Freire (2003) "educar é substantivamente formar" (p. 33). Portanto, o educador possui um papel fundamental na formação ética e moral do indivíduo, principalmente na educação infantil, onde inicia-se a vida escolar. Acredito que trabalhamos a ética e a moral na educação infantil vivendo-as, demonstrando-as aos nossos alunos através dos nossos atos, da nossa postura, das atitudes e dos valores aos quais acreditamos. Não ensina-se moral e ética, vivencia-se.

"De fato, o desenvolvimento moral não se restringe à questão ética, mas depende também de uma política democrática interessada em dar condições para ampliar o acesso de todas as crianças à educação" (ARANHA e MARTINS, 2003, p. 313).

Bibliografia

- Aranha, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003
- Benjamin, Walter. *A criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus, 1984
- Coles, Robert. *Inteligência moral das crianças: ajude seu filho a ser generoso e bem-estruturado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998
- Díaz-Aguado, Maria José. MEDRANO, Concepción. *Construção Moral e Educação: uma aproximação construtivista para trabalhar os conteúdos transversais*. Bauru: EDUSC, 1999
- Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003
- Imbert, Francis. *A questão da ética no campo educativo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- La Taille, Yves de. *Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças*. Caderno de Pesquisa, nov. 2001, n.114, p.89-119
- Piaget, Jean. *O julgamento moral da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977
- Wadsworth, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança: na teoria de Piaget*. 3. Ed. São Paulo: Pionerira, 1995